



VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital: por que algumas energias são mais aceitas do que outras? *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 85–90, 2025. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-26-ano-2025/>

ORGONE, CHI E ENERGIA VITAL: POR QUE ALGUMAS ENERGIAS SÃO MAIS ACEITAS DO QUE OUTRAS?

José Henrique Volpi ¹

RESUMO

O artigo discute os conceitos de orgone, chi e energia vital, explorando como diferentes culturas nomeiam e interpretam forças sutis que animam a vida. Analisa por que algumas dessas energias são mais aceitas pela ciência e pela sociedade do que outras, relacionando crenças, contextos históricos e visões filosóficas. A partir da psicologia corporal reichiana e das tradições orientais, reflete-se sobre a resistência cultural ocidental a aceitar o invisível como real. O texto convida à reflexão sobre como o modo de pensar científico e simbólico molda nossa compreensão da vitalidade humana e do corpo energético.

Palavras-chave: Chi. Energia vital. Orgone. Psicologia corporal. Reich.

INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, culturas de todo o mundo reconheceram a existência de uma força ou energia vital que conecta corpo, mente e espírito. Mas por que algumas dessas energias são amplamente aceitas — como o Chi da medicina chinesa — enquanto outras, como o Orgone de Wilhelm Reich, enfrentam resistência e críticas? Neste artigo, investigamos essa questão à luz de contribuições históricas, psicológicas (com ênfase em psicologia corporal) e científicas, com o intuito de identificar por que certos conceitos obtêm maior legitimação institucional e cultural que outros.

A IDEIA DE “ENERGIA VITAL” NÃO É NOVA

Durante milênios, diferentes tradições reconheceram formas de energia que circulam no corpo humano e afetam a saúde física e emocional. Por exemplo, o Qi (também chamado de “Chi”), na medicina tradicional chinesa (MTC), é descrito como uma energia que flui pelos “meridianos” do corpo. O equilíbrio desse fluxo é considerado essencial para a saúde (Maciocia, 2017). Em tradições indianas, o “Prana” exerce função análoga; no Japão, “Ki”; nas culturas

¹ **José Henrique Volpi** - Psicólogo (CRP-08-3685), Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Ericksoniana, Psicodrama e Brainspotting. Psicoterapeuta Corporal Reichiano, Analista psico-corporal Reichiano formado com o Dr. Federico Navarro (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Especialista em Acupuntura clássica e Método Ryodoraku (eletrodiagnóstico computadorizado de medição da energia dos meridianos do corpo). Mestre em Psicologia da Saúde. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. volpi@centroreichiano.com.br



VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital: por que algumas energias são mais aceitas do que outras? *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 85–90, 2025. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-26-ano-2025/>

polinésias, “Mana”. Em todas essas, a noção básica é a de que existe um princípio sutil que anima a vida - ampliando-se a uma dimensão psicossomática ao corpo.

Embora essas energias não possam ser detectadas diretamente por dispositivos modernos, as tradições desenvolveram sistemas terapêuticos complexos, duradouros e aplicados clinicamente. Na Medicina Tradicional Chinesa (MTC), a acupuntura e práticas como o Qigong são reconhecidas institucionalmente em diversos países, e pesquisas indicam que podem ser benéficas para condições como dor crônica, ansiedade e regulação autonômica (He et al., 2022).

Wilhelm Reich, psiquiatra e psicanalista austríaco, desenvolveu o conceito de "energia orgone" nas décadas de 1930 a 1950. Para ele, essa energia vital está presente em todos os seres vivos e no ambiente. De acordo com Reich (1973), bloqueios nessa energia, resultantes de repressões emocionais, sociais e corporais, poderiam levar ao desenvolvimento de doenças psíquicas e físicas. A "couraça muscular" representaria a manifestação corporal desse bloqueio. Ele criou técnicas terapêuticas como a vegetoterapia para flexibilizar essas couraças musculares, e dispositivos como o "acumulador de orgone", que permitiam que as pessoas fossem expostas à essa energia para fins clínicos.

Contudo, a maioria dos cientistas não aceita a existência empírica da orgone nem os efeitos que lhe são atribuídos. Apesar de seguidores de Reich terem divulgado suas teorias e experimentos de maneira detalhada, possibilitando sua replicação segundo o método científico, muitos ainda insistem em dizer que não há evidências sólidas que confirmem a existência da orgone ou que provem a eficácia dos acumuladores de orgone no tratamento de doenças, como o câncer (SCIENCE FEEDBACK, 2022). E parece que sempre vão continuar com essa afirmação.

Mas então, por que o Chi é mais aceito que o Orgone ? Podemos identificar alguns fatores que ajudam a explicar essa diferença de aceitação:

1. Tradição histórica e legitimidade cultural

O Qi está presente em sistemas milenares; por exemplo, a Medicina Tradicional Chinesa possui textos que datam da dinastia Han e se expandiu culturalmente. Essa historicidade confere legitimidade e institucionalização. Por outro lado, o conceito de orgone foi criado no século XX, fora de um contexto cultural amplo e consolidado, o que provocou resistência desde o começo.

2. Tradução para o paradigma científico moderno

O Qi e a MTC foram “traduzidos” para a medicina contemporânea por meio de processos como a investigação dos meridianos, a análise da eletrofisiologia dos acupontos e a avaliação dos



VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital: por que algumas energias são mais aceitas do que outras? *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 85–90, 2025. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-26-ano-2025/>

efeitos da acupuntura em estudos clínicos. Existem pesquisas sistemáticas recentes (por exemplo, He et al., 2022) que registram os efeitos da acupuntura e de outras práticas fundamentadas no Qi.

Em contrapartida, Reich buscou evidenciar o orgone por meio de dispositivos experimentais e declarações de efeitos físicos (como variações de temperatura em acumuladores). No entanto, esses esforços não foram replicáveis nem aceitos pela comunidade científica, sendo considerados pseudociência.

3. Conflitos institucionais, políticos e de norma científica

Reich teve conflitos com instituições científicas e regulatórias — nos EUA, a Food and Drug Administration (FDA) interveio, determinando a destruição de acumuladores e litígios (caso legal de 1954-56). Esse histórico de controvérsia institucional contribuiu para que a orgone fosse vista com maior desconfiança.

4. Continuidade institucional e pesquisa acadêmica

A MTC e o Qi foram incorporados a programas acadêmicos, estudos clínicos e sistemas de saúde, com destaque para a China. Por outro lado, a escola reichiana de orgone não possui uma inserção acadêmica reconhecida de grande porte, e as pesquisas divulgadas são limitadas e frequentemente reunidas em revistas com viés interno (como o *Journal of Orgonomy*).

Contudo, ainda é viável discutir a "energia vital", porém com a necessária prudência epistemológica. Na psicologia corporal e nas terapias somáticas atuais, o termo energia não é visto como uma substância física ou uma entidade mensurável, mas como uma metáfora funcional que ajuda a entender os processos concretos do corpo e da mente. Nesse cenário, o conceito de "energia" abrange a vitalidade, o movimento, a respiração, o tônus muscular, a pulsação emocional e a presença corporal — aspectos que podem ser observados clinicamente e modificados terapeuticamente (REICH, 1973; LOWEN, 1975; BOADELLA, 1991).

Quando se diz que "a energia está bloqueada", essa afirmação não alude necessariamente a uma força física invisível, mas a padrões de rigidez corporal, contrações persistentes ou obstruções respiratórias que impedem a expressão emocional livre. Esses fenômenos podem ser explicados fisiologicamente — como tensões musculares persistentes, disfunções do sistema nervoso autônomo ou mudanças no ritmo respiratório — e tratados terapeuticamente por meio de técnicas corporais para liberar tensões musculares (REICH, 1973;



VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital: por que algumas energias são mais aceitas do que outras? *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 85–90, 2025. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-26-ano-2025/>

BERNHARD, 2007).

Por isso, é fundamental diferenciar dois níveis de entendimento do conceito de “energia”. O primeiro nível é metafórico ou fenomenológico, em que o conceito atua como uma linguagem simbólica para representar experiências corporais e emocionais de fluxo, vitalidade ou obstrução. Esse é o significado predominante nas tradições orientais, nas práticas integrativas e nas psicoterapias corporais. O segundo nível é o físico ou mensurável, que envolve a presença de uma entidade que pode ser quantificada, replicada e validada cientificamente.

Na medicina tradicional chinesa, o Qi (ou Chi) é considerado principalmente no primeiro nível, representando o equilíbrio dinâmico entre corpo, mente e ambiente. No entanto, algumas pesquisas recentes tentam encontrar correlatos bioelétricos e fisiológicos para sua ação (LI et al., 2020; HE et al., 2022). Por outro lado, o Orgone, introduzido por Wilhelm Reich, permanece predominantemente no âmbito metafórico e terapêutico, sem evidência experimental que o classifique como uma entidade física mensurável (REICH, 1973; SCIENCE FEEDBACK, 2022).

Essa diferenciação é essencial para preservar a rigorosidade científica, sem negligenciar a relevância clínica e simbólica das metáforas energéticas. Na prática terapêutica, o conceito de energia vital ainda é valioso como um modelo integrador que conecta corpo e emoção, possibilitando uma compreensão mais abrangente e vivencial do sofrimento humano. Entretanto, sua validade epistemológica deve permanecer fundamentada na observação empírica e na consistência teórica, evitando a confusão entre metáforas clínicas e leis da física. Dessa forma, pode-se defender a utilização do conceito de energia vital como uma linguagem dinâmica e funcional, evitando reducionismos e declarações pseudocientíficas (CAPRA, 1996; MORIN, 2008).

Não é necessário escolher entre ciência ou tradição. Ambas podem coexistir como formas complementares de compreender o ser humano e a realidade. O essencial é manter um compromisso com a honestidade intelectual, prometendo apenas o que pode ser garantido por meio da observação, da experiência clínica e da pesquisa empírica. Tal postura dialoga com o pensamento de Feyerabend (1977), que propôs uma ciência pluralista, aberta a diferentes formas de racionalidade, reconhecendo que o conhecimento científico não deve ser reduzido a um único método.

Buscar evidências, sem abandonar a dimensão subjetiva e simbólica da experiência humana, é um dos grandes desafios da contemporaneidade. A psicologia corporal, inspirada nas contribuições de Reich (1973) e Lowen (1975), busca integrar a observação fenomenológica do corpo com princípios de autorregulação e vitalidade. Para esses autores, o corpo não é apenas um suporte fisiológico, mas um campo de expressão psíquica e energética — uma unidade



VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital: por que algumas energias são mais aceitas do que outras? *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 85–90, 2025. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-26-ano-2025/>

funcional em que emoção, respiração e movimento estão interligados.

O diálogo entre ciência e experiência requer, portanto, uma postura de abertura epistemológica. Nem tudo o que é vivido pode ser imediatamente mensurado, mas isso não invalida o valor da experiência humana. Como ressalta Capra (1996), a ciência moderna começa a reconhecer a interdependência entre sistemas vivos, ampliando sua visão para incluir processos complexos, autorregulatórios e não lineares — conceitos que também ressoam nas tradições orientais sobre energia vital.

A clareza e a humildade na comunicação científica são igualmente essenciais. Evitar jargões e simplificar a linguagem sem banalizar o conteúdo torna o conhecimento mais acessível e democrático. Como defende Morin (2008), o verdadeiro rigor científico não está na fragmentação, mas na capacidade de articular saberes diversos.

Na psicologia corporal, trabalhar com o conceito de “energia” não é um dogma, mas uma prática viva que busca integrar corpo, emoção e consciência. Essa energia pode ser entendida como a expressão da vitalidade e do fluxo pulsante do organismo — algo observável nos movimentos respiratórios, nas tensões musculares e nas dinâmicas emocionais (Boadella, 1991). Quando abordada com ética, sensibilidade e rigor metodológico, a noção de energia vital torna-se um ponto de convergência entre saberes. Ela abre espaço para que a linguagem simbólica da tradição e a metodologia empírica da ciência se encontrem, gerando novas possibilidades de compreensão sobre o corpo e a subjetividade.

Assim, o diálogo entre ciência e experiência não é apenas possível, mas necessário. Ele enriquece a compreensão do ser humano, amplia as possibilidades terapêuticas e favorece uma visão mais integrada do cuidado, que respeita tanto o dado empírico quanto a vivência subjetiva. Trata-se, portanto, de um caminho que une o rigor da investigação científica à profundidade da experiência humana, reconhecendo que ambos são dimensões inseparáveis da mesma realidade viva.

CONCLUSÃO

Qi, Prana, Orgone — são nomes para tentar dar conta de um fenômeno que a ciência ainda não descreve plenamente, mas que muitos de nós já sentimos em momentos de vida, cura e reconexão. O convite aqui é: não aceitar tudo sem crítica, nem rejeitar tudo por medo. Em vez disso, construir pontes. E abrir espaço para que a psicologia corporal e as terapias somáticas sejam reconhecidas — não apenas por sua história, mas pelo cuidado, pela investigação e pela responsabilidade que colocamos no presente.



VOLPI, José Henrique. Orgone, chi e energia vital: por que algumas energias são mais aceitas do que outras? *Revista Científica Eletrônica de Psicologia Corporal*, Curitiba, v. 26, p. 85–90, 2025. ISSN 3086-1438. Disponível em: <https://centroreichiano.com.br/revista-cientifica-eletronica-de-psicologia-corporal-vol-26-ano-2025/>

REFERÊNCIAS

- BERNHARD, Alice. *Psicoterapia corporal e o corpo energético: Reich revisitado*. São Paulo: Summus, 2007.
- BOADELLA, David. *Correntes da vida: energia e padronização no corpo humano*. São Paulo: Summus, 1991.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- HE, K.; LI, X.; QIU, B.; JIN, L.; MA, R. Comparative efficacy of acupuncture-related techniques for urinary retention after a spinal cord injury: a Bayesian network meta-analysis. *Frontiers in Neurology*, v. 12, p. 723424, fev. 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fneur.2021.723424/full>. Acesso em: 29 out. 2025.
- LI, H.; YIN, Y.; HU, J.; LI, H.; WANG, F.; MA, C. An insight into acupoints and meridians in human body based on interstitial fluid circulation. *arXiv*, 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2012.13593>. Acesso em: 29 out. 2025.
- LOWEN, Alexander. *Bioenergética*. São Paulo: Summus, 1975.
- MACIOCIA, Giovanni. *Human energy and vital substances*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- REICH, Wilhelm. *Ether, God & Devil; Cosmic superimposition*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1973.
- ZHOU, Z. et al. Traditional Chinese medicine injections with Tonifying Qi: systematic review and meta-analysis. *Journal of Traditional Chinese Medicine*, 2025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40223935/>. Acesso em: 29 out. 2025.